

13-05-2020

## Um grande acontecimento

### Eguimar Felício Chaveiro

[Doutor em Geografia Humana - Livre-docente da UFG/Universidade Federal de Goiás]

Um dia um amigo, poeta marginal, psicólogo, militante de trajetória existencial sofrida, mas sem rendimento à dor, me convidou para caminhar. Ao fazermos a caminhada vespertina antes que a noite habitasse a cidade, sem render nenhuma explicação, me perguntou: *“qual é o grande acontecimento de sua vida?”*. Fiquei paralisado psicologicamente, mas continuei andando com passadas fluentes e aligeiradas. A pergunta do amigo me deixou boquiaberto. Rapidamente, ainda em silêncio, me vieram, na imaginação, várias respostas, as mais diversas. A minha primeira vontade era lhe citar Fernando Pessoa para o qual só existem duas datas na vida de uma pessoa: a do nascimento e a da morte, o resto é passagem, não conta. Se lhe citasse o poeta português faria gracejos: “o meu nascimento eu não tenho nada a ver com isso, a morte, essa eu não vou experimentar, o dia que a experimentar nada saberei, portanto ficarei nas passagens das horas, juntando remendos, forjando a labuta, desafiando as sombras, atacando como Garrincha...”. Não fiz o gracejo. Continuei caminhando com passadas aligeiradas. A segunda resposta imaginada, sem nenhuma ajuda poética, seria irônica: “o grande acontecimento de minha vida é quando, de vez em quando, esquecido do mundo, corto as unhas dos pés. Nesses momentos, esquecido do mundo, faço meditações obsoletas e interrogações indevidas, pergunto, por exemplo, se caso as unhas dos meus pés nunca fossem aparadas e se crescessem desmedidamente contra todas as etiquetas, se iriam me colocar no livro dos recordes. Sendo a única pessoa da minha cidade a pertencer ao livro dos recordes, receberia uma encomenda do prefeito. Na cerimônia da encomenda, o prefeito contrataria uma TV para registrar o evento que, percebendo a potência midiática, me daria 1 (hum) milhão de reais para cortá-la sob ajuda da primeira dama. Quando ela agachasse...”. Com passos mais acelerados e em silêncio imaginativo, daria ao amigo uma resposta humorada. “É o seguinte: uma vez estava jogando bola à noite, a minha barriga estava estranha e incontrolável, saí do jogo como se tivesse enlouquecido, de repente corri para o mato, uma dor de barriga homérica foi resolvida no matagal próximo ao colégio onde o jogo se dava, voltei aliviado, feliz e, com todas as forças, entrei novamente no jogo, fiz um golaço, o nosso time sagrou-se campeão. Talvez afirmasse ao amigo em tom severo: este acontecimento queira nos dizer algo sobre a vida embostada e sobre a liberdade que se tem em despojar-se dos restos que nos prendem antes do gol...”. Poderia lhe apresentar uma resposta séria e narrar, como fiz na análise e na terapia, o momento exato em que vi o meu pai morto, estendido no chão, quando eu tinha 18 anos. Ou, quando, em torno das 9h, lendo um livro de Jean Leloup, recebi a notícia de uma enfermeira simpática: “vem cá, pai, a sua filha nasceu”.

Até hoje interrogo aquele sentimento e não fui capaz ainda de nomeá-lo. Nanna pulou ao mundo para me parir como pai. No meu colo o meu mundo transmundou-se. Pois bem! Com passos sobre passos já ultrapassando a marca de um, humm, quilômetro de caminhada, usei a estratégia costumeira: antes de responder ao amigo ou de lhe direcionar uma palavra, repeti a pergunta: “qual é o grande acontecimento de minha vida???”. Repeti-a para ganhar tempo e, assim, tomar uma decisão sem me trair na vontade de lhe apresentar uma resposta fiel ao meu senso ético. Diminuí os passos e tive tempo ainda de devanear sobre a minha simples história de vida. Simples, mas não banal. Poderia narrar ao amigo algumas tragédias, enunciar paixões, dizer traumas, falar de amizades, mostrar-lhe momentos decisivos da minha ligação com a história dos meus vários postos de trabalho, inclusive quando fui vendedor de banana e vendedor de pequi, em Trindade-Go poderia lhe falar das parcerias e das conquistas afetivas no seio da família... E, inclusive, um momento em que, sem nenhum medo, abri o peito num conflito de ocupação de terra junto a camponeses do Movimento Sem Terra. Nessa ocasião, tiros subiam ao céu e gritos esparramavam-se na noite fria, contudo o meu peito estava quente - e decisivo. Não rendi, nada temi, conquistamos a terra. .... Pausa na caminhada. .... Recentemente li algo assim: o evento da Covid-19 é o maior acontecimento da sociedade mundializada, é tão impactante que ganhou da Coca-Cola, do Windows, da bolsa de Nova York e da vacina contra o sarampo. Tive dúvidas, talvez discordância, não considero o fenômeno impactante da Covid-19 o maior acontecimento. A minha discordância reside no entendimento de que o cotidiano, em qualquer situação, é o reino extraordinário da vida; é nele que todos os trabalhadores, dia a dia, reproduzem a sua vida e, ao fazerem isso, produzem e reproduzem o mundo inteiro. Autor do mundo, os trabalhadores alimentam a humanidade, fazem pontes e aeroportos, aviões, casas, tecem crochês e vendem bananas e pequis. Não apresentei uma resposta ao amigo. Apesar de gostar de sua pergunta e da inquietação que ela promoveu, achei-a instruída pelos critérios da classificação e da hierarquia. Talvez pudesse, hoje, lhe dizer que o maior acontecimento da vida é o trabalho da diarista, a ação do garçom, a operação do lavador de veículo, as mãos sagradas do gari, a arte da manicure. Rompo a caminhada. Com passadas lentas, farei o que não fiz no momento em que o meu amigo me fez a pergunta. Gostaria de abrir o peito de coragem e enfrentar a Covid-19 e, com maior coragem, continuar a luta contra qualquer tipo de autoritarismo, na mesma ordem da luta pela alegria e pela solidariedade. A luta contra a Covid-19 não possui hierarquia, ela apenas solicita, no mesmo grau e no mesmo momento, a luta contra o fascismo. E contra a covardia dos frágeis com baionetas. Talvez pudesse hoje dizer ao querido amigo: o grande acontecimento da vida é a luta diária, a decisão de não aceitar solenemente a injustiça e a opressão.

Andar lento para amar mais.

■ ■ ■